

RESENHA:

HISTÓRIAS DE AMOR ABAIXO DA LINHA DO EQUADOR.

Por: Leandro Oltramari

Doutorando em Ciências Humanas pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC). Mestre em Psicologia (UFSC). E-mail: leandro@cfh.ufsc.br

PRIORE, Mary Del. (2005) *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto. 330 p.

Mary Del Priore dispensa apresentações. Além de ter sido professora de História do Brasil Colonial em departamentos importantes de História, tanto da PUC do Rio de Janeiro como da USP, publicou mais de duas dezenas de livros, entre eles *A história das mulheres no Brasil* e *História das crianças no Brasil*, além de ganhar prêmios importantes, como o Casa Grande & Senzala oferecido pela Fundação Joaquim Nabuco. Desta vez, a autora vem presentear os leitores com um livro sobre o amor: temática das mais atrativas, tanto para a literatura quanto para o cinema. Contudo aqui o interesse é outro, ou seja, ela busca compreender como se constitui o amor como um fenômeno histórico aqui, abaixo da Linha do Equador.

A autora inicia sua obra falando sobre o que irá chamar de *Primeiros tempos*, que compreende o período colonial até o período imperial. Ela relata das suas dificuldades para reconstruir a história de amor no Brasil, afirmando que falar desta história é falar de gente simples, de um Brasil não letrado. Revela também que suas dificuldades foram inúmeras para fazer o levantamento das fontes, sendo que seus recursos para a pesquisa foram principalmente os processos movidos pela Inquisição e pelo Estado contra os cidadãos comuns.

Antes mesmo de iniciar o seu empreendimento, Del Priori já faz uma ressalva que podemos considerar quase como a tônica do seu trabalho. Ela revela que o amor transformou-se através dos séculos. Sim! Transformou-se e parece que é sobre estas transformações que a autora quer se ater. Por exemplo, no Brasil colônia, revela que existia um ideal do amor domesticado, pois a família portuguesa tinha em seu cotidiano uma série de condutas arraigadas e controladas pela moral cristã. Cada papel era bem definindo: a esposa, a título de exemplo, deveria cuidar da casa, assim como o chefe da família deveria fazer o suprimento desta. Estes eram papéis bem definidos, os quais conhecemos muito bem. O controle desta moral era realizado pela Igreja, que tentava controlar o amor-paixão através de suas práticas de disciplinamento dos corpos. Apesar disso, as pessoas viviam em concubinato ou relações consensuais.

A autora revela também que algumas representações são fortes, principalmente quando se fala do que se esperava das mulheres. A mulher idealizada na época era “generosa, pura, fiel e assexuada” (p. 25), e esta é uma ótima discussão para as estudiosas e estudiosos de gênero. Principalmente devido às mudanças dentro da sexualidade, principalmente a partir da década de 60 que tem propiciado transformações significativas dentro dos contextos da conjugalidade contemporânea.

Ao ler o trabalho de Del Priori uma questão interessante é o estranhamento que se tem com relação ao casamento que na época por exemplo do período colonial, era visto como um negócio que devia ser pensado para a vida. Ou seja, um contrato onde não eram as relações de afeto ou interesse afetivo-sexuais que interessavam, mas os “negócios” acertados entre as famílias. O futuro do casal era estudado e planejado pelas famílias, em todos ingredientes necessários e possíveis de serem negociados, menos amor, é claro. Isto ocorria porque, segundo a autora, “no casamento o amor paixão era inimigo” (p.28). Mais do que isto, o casamento era uma estratégia para controle da sexualidade. Ele servia como uma forma de estar protegido por Deus. A autora revela que o bom amor, puro e longe da sexualidade era “recompensado com a vida eterna e as paixões, com o inferno e a morte” (p. 36).

Falando em catolicismo é interessante perceber o quanto, segundo Del Priore, a Igreja católica reprimia algumas ações no âmbito da sexualidade de casais ou

mulheres. Em contrapartida, muitas vezes, era complacente com homens e mesmo padres que mantinham relacionamentos sexuais com suas fiéis. Ela faz o que poderíamos quase chamar de “histórias de confessionário”, ou de “sacristia”, tamanha era a frequência das relações que os eclesiásticos mantinham com as senhoras e moças do período colonial.

A autora revela curiosidades, como uma série de códigos de sedução que os enamorados da época colonial utilizavam para demonstrar o interesse por outra pessoa. Cita o curioso exemplo do que ela chama de namoro de “escarrinho”: a moça ficava na janela a espera de algum pretendente que, ao passar pela janela, e sentindo interesse por ela, começava a tossir ou espirrar. Obviamente para responder ao interesse do galanteador, a moça, por sua vez, iniciava também uma série de ruidosos acessos de tosse. No mínimo, uma forma curiosa de fazer-se um galanteio!

Outra questão relevante levantada pela autora é a importância das relações interétnicas na composição do que chamamos de amor no tempo colonial. Ela reforça o pensamento do sociólogo Gilberto Freire, referenciando a idéia de embranquecimento para as pessoas negras que procuravam pessoas mais claras para relacionar-se, utilizando-se deste recurso como uma forma de acender socialmente..

Quando discute o amor no velho mundo, a autora faz referência a obras clássicas, como a de Rougement, *História do amor no ocidente*, e mesmo Michel Foucault, com a *História de sexualidade*. Quando trata de Rougement, cita as contribuições que sua obra trouxe ao relatar as modificações que houve no amor a partir do século XI. Por exemplo, foi a partir deste momento que o mundo ocidental começou a identificar o amor como nós o conhecemos hoje, principalmente por causa da entrada em cena dos trovadores e sua poesia. Assim, o amor passou a ser visto tanto como algo ardente quanto impossível.

Num momento posterior, Del Prori passa a referir-se ao século XIX. Ela dá este salto histórico devido ao fato do acesso à documentação referente ao período colonial, como relata na introdução do seu trabalho, ter sido difícil. Ela começa, então, a relatar algumas transformações ocorridas nesta passagem. A Igreja deixa de ser o melhor

lugar para procurar um parceiro ou parceira e entram em cena os meninos de recado, a carta e o correio. É a tecnologia inovando os costumes afetivos.

No início do século XIX, passou a haver uma contradição entre o amor real e o amor de literatura. Amor real, aquele vivido no cotidiano, a escolha de parceiros através de critérios paternos ainda era um elemento importante já no amor expresso na literatura a escolha do parceiro levava em conta ao fator de felicidade.

Um elemento que vale ressaltar da referida obra de Del Priori é que carinho e amor foram aspectos mais relevantes entre as famílias mais pobres e não nas mais abastadas. Estas últimas davam ênfase a questões relativas à condição financeira e aos contratos entre famílias. Outro ponto levantado pela autora é o advento, no período imperial, da “lua-de-mel”. Esta que para muitos de nós trata-se de um ritual de passagem para a constituição da conjugalidade, nada mais era, segundo ela, que uma forma de poupar a família, depois das bodas dos filhos, de um constrangimento que era a noite de núpcias.

Quando a historiadora passa a discorrer sobre o século XX, e suas transformações a partir da “revolução sexual” os dados deixam de ser tão interessantes ou mesmo muito diferentes das obras já citadas de Giddens (1994) ou mesmo do recente livro *Sociologia da Sexualidade (2004)* do sociólogo Michel Bozon. Ela cita a importância de meios de comunicação como o cinema entre outros na constituição do que chamamos e conhecemos como amor, mas o que ela chama a atenção e vale destacar é que o amor ganhou uma “intimização” que ela até então não tinha, pois segundo a autora no século XX o amor depende de si mesmo e nada mais.

Chegando ao final desta relevante obra, ficamos a pensar, quando no início do livro Del Priore conta do furor causado por um exemplar de um livro vindo da Europa com a história de Julie, livro que retrata um amor trágico, como tantos relatados sobre o tema; *Romeu e Julieta*, *Tristão e Isolda* entre tantos outros. Nos faz pensar. O que faz por tanto tempo falarmos, escrevermos, assistirmos algo que denominamos amor? Esta é uma das perguntas interessantes que o livro nos deixa depois de terminá-lo.

Com esta interessante obra, fica o desafio de compreender como o amor no cotidiano se constitui como uma “prática social”, ao contrário do que assistimos nas

telenovelas, cinemas e músicas, onde o amor aparece como algo mágico, fantástico ou mesmo espiritual. Enquanto isto continuamos ouvindo interpretes românticos cantando... É o amor...

Referências Bibliográficas

BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

FOUCAULT, Michel. (1993) *Historia da sexualidade I : a vontade de saber*. 11ªed. Rio de Janeiro: Graal, 1993

GIDDENS, Anthony. (1994) *As transformações da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1994

ROUGEMENT, Denis. *História do amor no ocidente*. 2ªed. São Paulo: Ediouro, 2003.